

1. Fotografia-Veterano Antenor Ramos. 2-Poesia. 1º lugar -ASTRAVESSURAS DE POPY, Do CEL.Cyrano Niemeyer Portocarrero -2º Lugar-acionamento e gratidão do Gen.Mario Barreto França. 3º lugar Os Pracinhas de A.Seixas neto. (Tres trabalhos)

POESIA - 1º lugar: Pancho AS TRAVESSURAS DE POPY POESIA

PROSA - 1º lugar: Cel. Ruy de oliveira fonseca-2º lugar (UMA DECISÃO DE FICIL do Dr. Mario Duarte Monteiro. QUASE NÃO VOLTO Cel. Ruy Moreira Lima. RECORDAÇÕES DOS TEMPOS DE GUERRA Bergerac RA de Marília Maia (pseudônimo de Cyrano Niemeyer Portocarrero)

"Popsy" era o cãozinho do Capitão Médico Anestesiasta Pikens, do Serviço de Saúde do Exército Americano, e que servia no 16th Evacuation Hospital, na Cidade de Pistoia

Em Pistoia, na Itália, durante a II Guerra, ao som dos canhões e metralha, e longe da nossa terra, um grupo de brasileiras, moças de muito valor servindo como Enfermeiras, se empenhavam com ardor. Além de todos encargos, a título de distração, nas horas de suas folgas brincavam com o belo cão.

Era um cachorro pachola, levado, como ele só, que dava tratos à bola por todo o Vale do Pó. Criado por um Capitão do Exército Americano, gordinho como um balão, novinho, de meio ano, encantava toda gente e fazia estripulia, ganhava muito presente pela sua simpatia.

Doces e "carne cativa", um osso ou qualquer pitéu, que davam os da Ativa, do Soldado ao Coronel. Comparecia à cozinha, virava panelas, tachos, quando começou o gracinha, a roubar roupas de baixo. Passaram então a surgir coisas comprometedoras, e sem ninguém descobrir os autores ou autoras.

Os *soutiens* e calcinhas, combinações e algo mais carregava das mocinhas pras tendas de Oficiais. Destes, levava cueca, meias e até cartucheiras, levando-as o cão sapeca pro local das Enfermeiras. Todos se desconfiavam, uns dos outros e demais, e os S-2 não atinavam com quem disso era capaz

O problema foi parar no Comando "MP", não cabia se aceitar tais ocorrências ali. IPM e Sindicâncias para apurar o escândalo das barracas em vacâncias e punir aquele vândalo. Apareceu, bem na hora, na tenda de um Capitão, uma anágua de senhora, levada pelo ladrão.

Este, não era brinquedo e deu logo a solução. Rápido, sem nenhum medo, desmascarou o ladrão. E assim foi descoberto, que o Capitão esculápio era dono de um esperto cachorrinho, bem larápio, que, com suas travessuras e a sua brincadeira, culpava as criaturas daquela falange inteira.

Não podendo ser punido por fatos tão engraçados, do cão foram suprimidos doces e quaisquer bocados.

.....

Voltaram paz e bonanças por todo o Acampamento, anulando desconfianças e qualquer mau pensamento.

.....

Vejam só do que é capaz um cachorrinho traquinas, que preocupou por demais o grupo dessas meninas.

O Travesso "Popsy"



Popsy com VP 04.02.053

PROSA

PANCHO, O PRACINHA ITALIANO DA
4ª/11ª RI

Maj Ruy de Oliveira Fonseca

Foi ali, depois da refrega de Castelnuovo, que ele se apresentou, trazido pela mão de um outro italiano, Sfolato da S. Martino . . .

Era um tipo esquisito: não falava, mas tinha um olhar amigo e submisso. Incorporou-se ao Pelotão como se tivesse vindo do Depósito do Pessoal, para completar uma vaga. Seu nome, nem o italiano que o trouxera o sabia . . . Combinamos então chamá-lo pelo apelido de "Pancho", que lhe caiu bem, pois era gordo e baixinho, como o anti-herói de Cervantes. Assim, sem mais formalidades, assentou praça esse esquisito *partisano*.

Providenciamos logo um equipamento e uma placa de identidade:

PR: - PANCHO
IG: - 07 - BRASIL
SANGUE: - ROSSO
RELIGIÃO: - DE DEUS

. . . e tratamos de fardá-lo convenientemente.

Deste modo começou a sua carreira essa estranha personagem que não envergonhou sua raça; adaptando-se rapidamente às condições e à disciplina militares, enfrentou galhardamente as rações K e C, tendo especial predileção pelo *tomato juice* e pela *orange marmalade*. Consumia também muito cigarro . . . de quaisquer marcas; literalmente, devorava maços e pacotes inteiros.

Montese, Castel l'Aiano; Zocca, Vignola, Scandiano, Puianelo, Monte Cavallo, S. Polo d'Enzi e Traversetolo, em todos esses lugares o Praça Pancho participou das ações, progredindo, correndo, pulando, embarcando e desembarcando das viaturas, sempre seguindo o seu Comandante; ora calmo, ora irritado, murmurando blasfêmias em seu dialeto. . . Foi, porém, em Collecchio que ele revelou todo o aproveitamento do longo aprendizado a que se submetera . . . Foi um verdadeiro herói! Calmo, frio, indiferente e mesmo temerário, enfrentou o tiroteio e as rajadas de metralhadora que varriam as ruas da localidade que ele atravessava aos pulos, para reunir-se ao seu Comandante de Pelotão, que prudentemente progredia de portal em portal, como mandava o figurino . . .

Ele estava sempre do meu lado, mas, não sei

Ali ficou ao meu lado enquanto os morteiros do Tenente Barreto eliminavam as resistências *tedescas*. Quando me desloquei para a Estação Ferroviária, rente às paredes esburacadas, ele ia pelo meio da rua, indiferente ao espocar das granadas. Terminada a refrega, voltamos para a igreja e ele, muito faceiro, circulava por entre os prisioneiros alemães e italianos que ali estavam como se fosse o autor dessa proeza.

Collecchio ocupada virou propriedade do Praça Pancho . . . não houve porta nem janela que ele não bisbilhotasse com seu passinho miúdo, meio trote, meio andadura, com suas placas chocalhando no pescoço. Enquanto o 6ª RI recebia a rendição dos *tedescos* em Fornovo, o Praça Pancho seguiu com seu Pelotão para S. Pedretto e, em seguida, na arrancada brasileira, varou todo o meio norte da Itália e bailou no dia 8 de maio de 1945, quando a guerra terminou.

Na fase de ocupação, ficou no Quartel de Il Christo, em Alessandria. Ali desfilou à frente da 4ª Cia, nos meus calcanhares, como se fosse um ordenança. Despertou riso e admiração pelos volteios não regulamentares que fazia, ao som da Banda da 1ª DIE.

Sua convivência na Caserna de Il Christo lhe granjeou mais amigos. Vagava pelo quartel, vivia na cozinha, ou junto do metralhador Álvaro dos Santos, um baiano de Feira de Santana a quem se afeiçoou e que quebrava os seus galhos no arraçamento.

De Alessandria para Francolise, curtiu sede e ração K; por diversas vezes quase perde o trem, quando nas paradas saía para umas voltas mais demoradas, atrás das possíveis *signorinas* . . . O Álvaro, porém, estava atento e, assim, o Pancho fez sua entrada triunfal na Cidade do Pó. Ali, no acampamento, vivia, ora na minha barraca, ora na dos seus amigos, que muitos já possuía . . . Não tinha pouso certo . . . e foi isso que o perdeu, pois uma noite não regressou . . . Procuramos em toda a área da 4ª Cia, do II Batalhão, do Regimento, e nada. . . Disseram as más línguas que o Tenente Bezerra, com os homens do seu Pelotão, assou e comeu num bom churrasco, regado a *moscato d'Asti*, o nosso querido mascote, pois o Praça Pancho não passava de um belo e gordo carneiro italiano.

Hoje, 40 anos depois, quando me pergunto